

2020 - NARRATIVAS INDÍGENAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Leonardo Ferreira Peixoto¹

Marsiel Pacífico²

Resumo

Em nossas redes sociais, amigas e amigos indígenas estão narrando seus momentos de medos, inseguranças, incertezas e suas práticas cotidianas de resistências e criações através de postagens ou por meio de audiovisuais que ficam disponíveis em plataformas públicas. O objetivo principal deste artigo é narrar e analisar os impactos da covid-19 nas práticas cotidianas destes indígenas. Este artigo tem como referencial estético, ético, político, epistemológico e metodológico as pesquisas com os cotidianos, tendo como principal referência o autor Michel de Certeau. Como resultado, temos o registro histórico dos impactos da covid-19 nos cotidianos de indígenas a partir de suas narrativas; a compreensão das transformações impostas pela pandemia no cenário atual e os movimentos de resistências e criações cotidianas das/dos indígenas. Concluimos valorizando as aprendizagens com indígenas, afinal, são mais de 500 anos de resistência a inúmeras tentativas de extermínio, apagamentos e produção de invisibilidade.

Palavras-chave: Narrativas indígenas; Pandemia; Pesquisa com cotidianos.

2020 - INDIGENOUS NARRATIVES IN TIMES OF PANDEMIC

Abstract

In our social networks, indigenous friends are narrating their moments of fears, insecurities, uncertainties, and their daily practices of resistance and creations through posts or through audiovisuals that become available on public platforms. The main objective of this article is to narrate and analyze the

¹ Professor do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga da Universidade do Estado do Amazonas. Líder do Grupo de Pesquisa Redes Indígenas: povos indígenas e redes educativas. Editor da Revista Vagalumear. Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis. Bacharel e licenciado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4817-1701>. E-mail: leoexoto.uea@gmail.com.

² Professor Permanente do Programa de Mestrado Profissional em Educação - PROFEDUC/UEMS. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS) Unidade Universitária de Jardim. Líder dos Grupos de Estudo e Pesquisa: TCEducS - Teoria Crítica, Educação e Sociedade & NeuroPraPe - Neuroeducação e as Práticas Pedagógicas. Doutor em Educação (2013-2017) na linha de pesquisa do PPGE/UFSCAR "Educação, Cultura e Subjetividade", Mestre em Educação (2010-2012) na linha de "Filosofia, História e Sociologia da Educação" pela Universidade Federal de São Carlos onde também graduou-se em Pedagogia (2006-2009). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2013-2073>. E-mail: marsiellp@gmail.com.

impacts of covid-19 on the daily practices of these indigenous people. This article has as its aesthetic, ethical, political, epistemological, and methodological reference the research with everyday life, having as its main reference the author Michel de Certeau. As a result, we have the historical record of the impacts of covid-19 on the daily lives of indigenous people from their narratives; the understanding of the transformations imposed by the pandemic in the current scenario and the resistance movements and daily creations of indigenous people. We conclude by valuing the learning with indigenous people, after all, there are more than 500 years of resistance to numerous attempts of extermination, erasure and production of invisibility.

Keywords: Indigenous narratives; Pandemic; Research with daily life.

2020 - NARRATIVAS INDÍGENAS EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Resumen

En nuestras redes sociales, los amigos indígenas están narrando sus momentos de miedo, inseguridad, incertidumbre y sus prácticas cotidianas de resistencia y creación a través de posts o audiovisuales que están disponibles en plataformas públicas. El objetivo principal de este artículo es narrar y analizar los impactos del covid-19 en las prácticas cotidianas de estos indígenas. Este artículo tiene como referencia estética, ética, política, epistemológica y metodológica la investigación con la vida cotidiana, teniendo como principal referencia al autor Michel de Certeau. Como resultado, tenemos el registro histórico de los impactos del covid-19 en la vida cotidiana de los indígenas a partir de sus narrativas; la comprensión de las transformaciones impuestas por la pandemia en el escenario actual y los movimientos de resistencia y creaciones cotidianas de los indígenas. Concluimos valorando el aprendizaje con los pueblos indígenas, después de todo, hay más de 500 años de resistencia a numerosos intentos de exterminio, borrado y producción de invisibilidad.

Palabras clave: Narrativas indígenas; Pandemia; Investigación con la vida cotidiana.

Narrar é criar vida

“Fala com outros, para que não enlouqueças!” (FREIRE; GUIMARÃES, 2011 p.28) Agora, mais do que nunca, esta frase de Paulo Freire em conversa com Sérgio Guimarães e publicada no livro Dialogando com a própria história tem ressoado entre nós. E como precisamos falar! Paulo Freire dizia “orar”, não no sentido religioso, mas no sentido da oralidade. Ao discorrer sobre a oralidade

e a escrita em conversa com Sérgio Guimarães, Freire nos faz refletir também sobre a necessidade de falarmos como possibilidade de invenção da vida. Paulo Freire vê a incomunicabilidade como morte e a comunicabilidade como invenção e criação da vida.

Nos últimos anos, o Grupo de Pesquisa Redes Indígenas: povos indígenas e redes educativas tem se dedicado a estudar as narrativas de professoras e professores indígenas na/da Amazônia e temos como compromisso ético e político fazer ecoarem as vozes de nossos interlocutores indígenas. Somos afetados por Paulo Freire e esperamos que estas vozes mostrem outras possibilidades de viver para além do comumente sabido, criando e inventando vidas.

A pandemia do novo coronavírus tornou o medo da morte presente nos lares e na vida da maior parte das pessoas, mas muitos de nós já vivenciamos constantemente o medo da morte, como é o caso das populações indígenas. Quais são as vidas que importam? Recentemente, escrevemos um artigo a uma revista em que narramos, junto com um professor da educação básica de Tabatinga (AM), nossas vidas como professores e estudantes no contexto da pandemia.

Quando escrevemos o projeto de pesquisa, em 2020, o Brasil já havia alcançado o alarmante número de 100 mil mortos, mas apesar disso estávamos esperançosos. Não imaginávamos que entraríamos o ano de 2021 ainda sem vacinas e muito menos que chegaríamos a lamentar a perda mais de 4 mil mortes em um único dia. Nossa proposta inicial era de entender como ocorreriam os cotidianos escolares em Tabatinga (AM) no contexto da pandemia da Covid-19 e pensávamos que esta pandemia acabaria ainda no ano de 2020. (PEIXOTO e SANTOS, no prelo).

Em julho de 2021, a pandemia no Brasil ainda não acabou e nós já atingimos a inacreditável marca de mais de 500 mil mortes pela covid-19 no país. O estado do Amazonas, em janeiro deste ano, viveu a pior crise sanitária da história, quando atravessamos dias sem oxigênio para pacientes internados, além da falta de outros insumos. Vivenciamos dias de angústia e sofrimento e hoje estamos acompanhando na CPI da Covid no Senado Federal provas das omissões das autoridades federais. Tal como no caso emblemático de George

Floyd, a pandemia fez com que nosso máximo algoz, o chefe desta nação, se ajoelhasse sobre o pescoço do país com toda a sua força, fazendo faltar ar no pulmão do mundo: a Amazônia. *WE CAN'T BREATHE!* Nós não conseguimos respirar.

Vimos ainda nos primeiros meses do impacto da pandemia no país o discurso do ex-Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles sobre a “oportunidade” de “aproveitar” que a imprensa estava cobrindo massivamente a pandemia e “passar a boiada” em pautas de desregulação da proteção do Meio Ambiente.

Para o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, a pandemia do coronavírus –que já matou 21.048 pessoas no Brasil–, é uma “oportunidade” para “ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas [ambientais] (...) de baciada”. A expressão “boiada” é emblemática até se lida literalmente, tendo em vista o alinhamento do ministro com o agronegócio. “Estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de covid[-19]”, complementou o ministro durante reunião realizada em 22 de abril, mas cujo vídeo foi tornado público nesta sexta-feira. Salles fala que as atenções estão voltadas para a pandemia, logo abre-se uma “oportunidade que nós temos, que a imprensa (...) está nos dando um pouco de alívio nos outros temas (...) e passar as reformas infralegais de desregulamentação”. (ALESSI, 2020, s/p)

Na posse do presidente Joe Biden, em 20 de janeiro de 2021, Amanda Gorman declamou o poema *The Hill We Climb* e ela diz: “*and The normas and notions of what “just is” isn’t always justice.*” Encontrei em algumas traduções deste trecho algo do tipo “*e as normas e noções do que é justo, nem sempre são justiça*”. Ouso ir além das palavras e traduções e arrisco dizer que o uso das aspas em “*just is*”, me faz crer que Amanda queria nos provocar com a ideia de “apenas isto, somente isto”. E quem somos nós, as muitas e muitos consideramos “apenas isto?” Quem somos nós as muitas e muitos inferiorizadas/os, quer seja pela cor da nossa pele, quer seja por nossa cultura, quer seja por nossos desejos?

A narrativa que nos inspirou a olhar com atenção as demais narrativas das/os parentes³ indígenas no período da pandemia foi uma postagem de Francineia Baniwa publicada em sua página do Facebook (em 04 de maio de 2020) e que nos remete a uma matéria escrita por ela para o site Amazônia Real. A narrativa emocionante de Francineia evidencia as dificuldades enfrentadas pelos indígenas cotidianamente no que diz respeito ao acesso a políticas de saúde e que se agrava no contexto da pandemia. A autora ainda narra através da memória de seus mais velhos outros tempos em que o choro dá lugar ao silêncio, “pois já não havia mais lágrimas para chorar”.

Em tempos tão difíceis, as coisas se tornam mais difíceis ainda. Quando falamos em povos indígenas e da questão atual da pandemia, logo penso na minha região do Alto Rio Negro, no norte do estado do Amazonas. Só nesses primeiros meses do ano, perdi minha tia, irmão do meu pai; meus filhos perderam o avô por parte de pai; uma parente muito próxima perdeu o bebê no parto, e hoje recebo a notícia de que a esposa do meu primo Daniel foi a óbito na hora do parto, mas o bebê sobreviveu.

O Alto Rio Negro é umas das regiões do Brasil de mais difícil acesso. Quando falamos de saúde, é sempre muito preocupante. Temos cinco áreas imensas, rios com pedras e areia, cachoeiras, igarapés de difícil acesso, dias e dias para se chegar a uma comunidade. Agora, com essa pandemia, a situação de saúde tende a piorar. Tenho tido insônia, não durmo bem, choro à noite. Isso, porque estou muito preocupada com a Covid-19, doença que é causada pelo novo coronavírus.

Já ouvi muitos relatos da boca de meus avós, tios, tias e meus pais sobre o sarampo, a catapora e a coqueluche dos tempos dos seringais. Ao anoitecer, na hora da comida, eles começavam a contar os acontecimentos do passado. Lembro muito bem quando eles falavam que tinha sido o pior momento da vida deles. Eles faziam um buraco enorme e ali colocavam 5, 6, 7 pessoas, pois estavam cansados de fazer covas.

No primeiro momento, havia choro para todo lado; depois, vieram os dias em que era só silêncio, pois já não havia mais lágrimas para chorar. Houve muitas perdas, muitas perdas mesmo. Uns perderam todos os filhos, alguns perderam maridos e filhos, outros perderam esposas e filhos. E alguns sobreviveram por sorte. E hoje eles lembram

³ Temos aprendido com os povos indígenas da Amazônia que a noção de parente não se restringe a laços familiares. Os indígenas se reconhecem mutuamente como parentes, sendo ou não da mesma família ou etnia. A cacica geral do povo Kambeba do Alto Solimões, Eronilde Fermin, costuma dizer que nos tornamos parentes ao compartilhamos as nossas lutas, as nossas trajetórias, as nossas dores. Com isso, Eronilde conclama também os não indígenas que se engajam nas lutas dos povos indígenas a se tornarem parentes.

e afirmam “se não fosse aquela doença, nossos parentes estariam ainda aqui conosco.”

O que a morte significa nesse momento? Por que tiveram que passar por isso? Ou melhor: por que estamos passando por tudo isso de novo? Só quem já passou por isso, sabe o que é um assassinato coletivo para nós indígenas.

Não é nossa culpa, mas vivemos em um mesmo espaço. Há muito tempo, a nossa casa foi invadida por pessoas que só pensavam na riqueza, na grandeza, em querer ser dono de tudo, até do nosso território. Em nenhum momento o invasor pensou se estávamos de acordo com essa situação. Nunca pediram licença para entrar na nossa casa, foram entrando e se apossando do nosso lugar como selvagens. Foram entrando e nos matando com doenças que não conhecíamos. Fomos mortos e nunca fizeram questão de lembrar nossas mortes, fomos apagados da história.

Durante as noites sem dormir com o medo que me atormenta por dentro, lembro dos meus parentes, lembro dos 23 povos que vivem na minha região. Se essa pandemia chegar lá, será mais um assassinato coletivo. A situação da saúde já é precária. Perdemos parentes por motivos simples: falta de medicamento, de profissionais de saúde, de transporte, de comunicação.

Nesse momento, reflito todos os dias sobre as epidemias do passado, sobre as mortes numerosas que já ocorreram por causa de inúmeras doenças do mundo não-indígena. Não sabemos como curá-las; para nos protegermos só nos resta ir para lugares distantes. Temos nossas próprias doenças, que curamos com o tabaco do pajé e seus benzimentos. Mas esse mundo dos brancos (*yalanawi*) nos traz outras doenças mortais. Nossos anciões, nossos pais e nossos filhos não vão resistir, pois isso não faz parte do nosso mundo indígena.

O que diria meu pai sobre isso? O que meus avós pajés diriam sobre o momento? Eles de certo diriam: “vamos começar pelo benzimento, pela história do começo do mundo, pelas narrativas. Vamos viajar através do benzimento percorrendo o mundo, por meio do pensamento, e entender o que está acontecendo”. Meu pai, deitado na rede, diria: “pegue um banco e sente-se, pois a conversa será longa”. E nos lembraria: “respeite o território onde você vive, pois há muitas coisas que os brancos nunca entenderão, nem o significado do coletivo, nem a importância de ter nosso território protegido”. Meu pai com seu cigarro, cada sopro, um silêncio, sempre preocupado com o dia de amanhã, pensando em seus netos.

No final da conversa, pediria a ele que cantasse o canto de *adabi*, entoado e dançado nos rituais de iniciação. Só assim entendemos como os corpos dos meninos brilham aos olhos de Kowai, no momento da dança ritual, e alegriamo-nos em saber que tudo está valendo, bastando os meninos respeitarem as regras do resguardo.

Hoje, estamos sofrendo as consequências pelos atos dos *yalanawi*. Somos os donos originários desta terra, conhecidos como “índios” (ou será que assim nos chamam apenas para nos menosprezar?). Somos nativos desta terra e temos orgulho de pertencermos a diferentes

povos, povos que estão sempre lutando pela sobrevivência, lutando para demarcar seus territórios, resistindo para continuar a existir. Com ou sem pandemia, vamos continuar gritando “nenhuma gota mais de sangue indígena”, “demarcação já” e “respeito às terras indígenas”.

Será que os *yalanawi* não têm ouvidos? Sentem, a conversa vai ser longa. (BANIWA, 2020, s/p)

A narrativa de Francineia Baniwa nos tocou tão profundamente, que decidimos acompanhar algumas de nossas amigas e amigos indígenas nas redes sociais e suas narrativas ao longo do ano de 2020 sobre a pandemia. Temos apostado nas narrativas (auto)biográficas indígenas como tática (CERTEAU, 2012) historiográfica contra-hegemônica.

A escrita da história tem gênero, classe, cor, etnia e religião. Valoriza-se e qualifica-se “a escrita conquistadora” (CERTEAU, 2017) que “utilizará o Novo Mundo como uma página em branco (selvagem) para nela escrever o querer ocidental” (CERTEAU, 2017, p. XI), apagando outras escritas possíveis. Uma escrita que quando não desconsidera a existência e a presença indígenas, as folcloriza, apagando sua validade enquanto culturas formadoras do país. Esta é uma escrita que tenta desautorizar os conhecimentos produzidos pelos indígenas, comprometendo suas possibilidades de disputar status de verdade e de narrar a história do Brasil do ponto de vista dos conquistados, colonizados. Uma escrita que pretende construir uma, e apenas uma, História Nacional para se atribuir o status de verdade única e absoluta. Carecemos de uma consistente produção historiográfica que contribua para dar aos indígenas (e negros, e mulheres, e LGBTs) o devido reconhecimento de seu lugar de importância na história do nosso país. Como nos alerta Certeau (2017), precisamos levar a sério a expressão “fazer história”. Entendemos a história como prática, não apenas como resultado. Esta prática tem autoria, tem intencionalidade e tem múltiplas dimensões e características. A escrita da história é uma *políticaprática* (ALVES, 2010) que, como tantas outras, privilegia quem tem o direito de desenvolvê-la. Não por acaso, a historiografia hegemônica ressalta os heróis homens e brancos e apaga as mulheres, os indígenas e os negros de nossa história, emoldurando os heróis brancos e deixando, por detrás deles, aqueles que não têm o direito de contar a história (PEIXOTO, 2020, p.29-31).

Para este trabalho, selecionamos as narrativas textuais e imagéticas postadas no Facebook por quatro interlocutoras indígenas, cujos nomes nesta rede social são: Anari Braz Bonfim, Varin Mema, Franci Fontes Baniwa e Vanda Ortega Witoto.

Anari, Varin Mema e Franci são colegas com quem tive o prazer de cursar uma disciplina no Museu Nacional (UFRJ). Vanda Ortega Witoto é uma

liderança indígena, que acompanho pelas redes sociais e que foi a primeira indígena vacinada contra a covid-19 no Amazonas. Anari é indígena da etnia Pataxó e vive no estado da Bahia, as demais interlocutoras vivem na Amazônia Brasileira. Optei por selecionar postagens públicas das interlocutoras nas redes sociais, o que expressa o desejo delas em dar visibilidade às mesmas.

Lúcia Amante nos faz refletir sobre como o Facebook pode ser uma fonte privilegiada de estudo sobre a comunicação e o compartilhamento de informações entre as pessoas nos tempos atuais.

Assim, compreender a vida social na contemporaneidade requer considerar o estudo das redes sociais *online* já que estas alteraram profundamente nos últimos anos a forma como milhões de pessoas se comunicam e compartilham informação entre si. Neste âmbito, sendo o facebook a rede mais popular (KREUTZ, 2009) e mais disseminada, impõe-se como uma fonte privilegiada de informação aos estudiosos desta área (AMANTE, 2014, p.28).

A opção metodológica de usarmos esta rede social como fonte de pesquisa para as narrativas indígenas também é política. Queremos mostrar que os indígenas se fazem presentes também nas redes sociais, apesar das dificuldades de conexão que vivenciamos, principalmente no interior do Amazonas.

As narrativas serão apresentadas em três momentos. No primeiro deles analisaremos a vida e a morte dos parentes indígenas, a partir das reflexões de Ailton Krenak (2020). No segundo momento vamos refletir sobre os ataques que não cessam aos povos indígenas, mostrando que a pandemia da covid-19 se soma a outras lutas cotidianas enfrentadas pelos povos indígenas, sobretudo no cenário político atual. Por fim, alguns lampejos de esperança, narrativas da vida que apesar de tudo criam possibilidades de alegria e de crença em dias melhores.

Como nos alerta Ailton Krenak: “A vida não é útil!”

Em *A vida não é útil* (2020), Ailton Krenak nos faz repensar o caráter utilitário da vida e problematiza como o pensamento branco ocidental dissocia

a vida humana da natureza. Em uma metáfora sobre as formigas que devoraram sua planta moringa em pouco tempo, Ailton nos faz refletir sobre como nós estamos com nossos desejos infinitos destruindo elementos da natureza que são finitos. E nos alerta através da fala dos pajés de Rondônia “Vocês precisam tomar cuidado porque o mundo dos brancos está invadindo a nossa existência”. (KRENAK, 2020, p. 36)

Invadindo a nossa existência, invadindo o nosso território, a nossa terra, o nosso lar. Krenak se entende e entende os pajés como “um terminal nervoso do que chama natureza” (p.36) Não há dissociação entre humanidade e natureza, a humanidade é natureza. Nessa invasão para a destruição desenfreada em nome de um dito progresso ou de um dito desenvolvimento a vida se vai. Vão-se as árvores, vão-se os rios, vão-se as lideranças. Em decorrência da pandemia de covid-19, dados da Associação dos Povos Indígenas do Brasil⁴ confirmam que 163 povos indígenas foram afetados pela doença, levando 1.130 indígenas a óbito. Um destes indígenas foi o Sr. Higino Tenório Tuyuka.

[...] Higino foi o principal líder dos Tuyuka na virada do milênio e por quase vinte anos seguiu contribuindo decisivamente para a retomada de sua língua e da própria autoestima de seu povo, que estavam sendo sufocadas até meados da década de 1990.

Ele também foi bayá, construtor de canoa, artesão, químico (no Vaupés colombiano), professor, tradutor trilingue e intercultural, gestor de organização indígena, pesquisador, especializado em petróglifos, escritor, produtor cultural... Esposo de Amélia, oito filhos, quatro meninas (Dia Dulce, Sumé Ilza, Yosokamo Rosa, Kamo Pedrina, a segunda infelizmente já falecida) e quatro meninos (Utarō Antônio, os gêmeos Renan Nidupu e Renato Bua, e Poani), filho de Arnaldo e Luiza, irmão menor de Guilherme e Cecília. [...] O grande projeto de sua vida, ousar dizer, foi o da Escola Tuyuka, referência em educação indígena e que muito avançou, tendo sido responsável por revigorar a língua e a cultura de seu povo (CABALZAR, 2020).

⁴ Disponível em: https://emergenciaindigena.apiboficial.org/dados_covid19/ Acesso em 13 de julho de 2021.



IMAGEM 1

Ainda em *A vida não é Útil* (2020), Krenak surpreende-se com a capacidade que o chamamento ao isolamento social provocou em boa parte do mundo, o efeito de que as pessoas o respeitassem e ficassem realmente em casa. Ele diz que, da mesma forma que boa parte de nós atendemos a este pedido, deveríamos também ser convocados a preservar a natureza, a não desmatar e que deveríamos também atender a esta convocação. Infelizmente, como veremos na próxima seção através das postagens de nossas interlocutoras, no Brasil a pandemia transformou-se também em uma cortina de fumaça para as investidas desenfreadas de ações governistas contra o Meio Ambiente e contra os povos indígenas.

Os ataques não cessam

Abro esta seção com uma postagem de Wanda Witoto, onde ela narra que sua geração é uma geração de sobreviventes.



IMAGEM 2

A postagem de Wanda Witoto nos faz lembrar do discurso que Eronilde Fermin ao receber o Prêmio Nilton Bueno Fischer na 38ª Reunião Anual da ANPED.

Essa homenagem é tudo. Principalmente no momento que vivemos no país. Não é fácil. Quero dividir com vocês a minha luta. Não é fácil sobreviver em meio aos poderosos que não têm coração, que não sabem o que é ser humano. Muita gente hoje chama a gente de índio urbanizado, porque vivemos na cidade. Negativo! Foi a cidade que se fez em cima de nós (FERMIN apud AUTOR, 2020, p.82).

Como já dito anteriormente, a política do atual governo federal é de total descaso com o meio ambiente, com as populações indígenas e com seus territórios. Uma destas discussões diz respeito ao Marco Temporal que se

encontra em julgamento no Supremo Tribunal Federal (STF). Na tese que defende o Marco Temporal está a ideia de que os povos indígenas só podem reivindicar demarcação de terras se comprovarem que habitavam aquele território antes ou na data da promulgação da Constituição de 1988.

A postagem de Anari Braz Bonfim anunciava o julgamento para 28 de outubro de 2020, mas até hoje não ocorreu e está previsto para agosto de 2021.



IMAGEM 3⁵

⁵ Nesta postagem, Anari compartilha um texto publicado no site do Conselho Indigenista Missionário - CIMI. O texto na íntegra está disponível em: https://cimi.org.br/2020/10/entenda-repercussao-geral-stf-futuro-terras-indigenas/?fbclid=IwAR2KjAqxQ6cvPFinXxeJlwVZU5amRNUrZulvpWu-8KSC_OKrQe_VNPML07g

Além disso, a própria comunidade Xokleng também é parte no processo, tendo em vista que é diretamente afetada por ele. Usufruindo do direito de acesso à Justiça que foi assegurado aos povos indígenas pela Constituição de 1988, o povo Xokleng também se manifestará no julgamento.”

Fonte: <https://cimi.org.br/.../entenda-repercussao-geral-stf.../> ✓



Dona Josefa
2008, cartão sobre papel
Aquarela, Pátio
33 cm x 41 cm
(Releitura via fotografia de Marcelo Bordini)
Trabalho produzido para a exposição de arte de autoria coletiva "Pátio: Uma História de resistência"

IMAGEM 4

Além da ação no STF que trata de um Recurso Extraordinário que discute um processo de reintegração de posse do povo Xokleng em Santa Catarina (como narra a publicação de Anari), o Marco Temporal também está em discussão no Projeto de Lei 490 que se encontra com tramitação de matéria aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) na Câmara dos Deputados.

Importante ressaltar que os indígenas estão nas ruas por todo o país lutando contra o Marco Temporal. Ocorreram protestos no Maranhão, na Bahia, em Campinas, em Brasília e outros estados, como pode ser verificado nas redes sociais da Associação dos Povos Indígenas do Brasil.

Como temos acompanhado nas falas de diferentes atores dos movimentos sociais brasileiros: “Luto é verbo”. E assim também o é para os povos indígenas. O luto precisa ser transformado em luta e nesta trajetória nos deparamos também com momentos de alegria, com lampejos de esperanças que nos fazem acreditar que de nem tudo é em vão. Na seção seguinte, a última

deste artigo, traremos alguns destes lampejos nas postagens de nossas interlocutoras.

Lampejos de Esperança

“Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume. Sim, o vagalume, sim, era lindo! – tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a Alegria.” (GUIMARÃES ROSA, 2001, p.53) A alegria é um renitente vagalume, ela insiste, resiste e brilha, mesmo em meio ao mar de escuridão e de obscurantismo que vivemos. Recentemente, perdemos o ator e humorista Paulo Gustavo, também vítima da Covid-19. Paulo Gustavo dizia: “Rir é um ato de resistência”. A alegria nem sempre se expressa em meio ao riso, mas ela nos enche de esperança e como bem nos lembra Paulo Freire (1992), precisamos ter esperança, não uma esperança passiva, mas uma esperança ativa, a esperança do verbo esperar.

Precisamos ser renitentes como os vagalumes, não temos outra opção, ou resistimos ou sucumbimos à escuridão. “Eles não vão vencer. Baby, nada há de ser em vão. Antes dessa noite acabar dance comigo a nossa canção” (HOOKER, 2017). Não por acaso, trouxemos postagens que chamamos de lampejos de esperanças das redes sociais de todas as nossas interlocutoras, porque queremos mostrar que na vida de todas e todos nós, apesar de todas as adversidades, temos momentos em que podemos ver “outra vez em quando, a Alegria.”



IMAGEM 5

A postagem de Francy Fontes Baniwa traz o título de uma matéria publicada no Jornal O Globo que fala da indicação de Deb Haaland, a primeira pessoa indígena a ocupar um cargo ministerial nos Estados Unidos. O nome da deputada foi confirmado e ela ocupa o cargo de Secretária do Interior dos Estados Unidos desde março de 2021.



IMAGEM 6

A postagem de Vanda Ortega Witoto anuncia a defesa de tese de Bruno Ferreira Kaingang, primeiro doutor indígena da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A defesa do parente ocorreu em 04 de dezembro de 2020 e a sua tese é intitulada “*ŪN SI AG TŪ PĒ KI VĔNH KAJRĀNRĀN FĀ* - O papel da escola nas comunidades Kaingang” e foi defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS.



IMAGEM 7

A postagem de Anari Braz Bonfim traz a vitória nas urnas do Cacique Marquinhos Xucuru (Marcos Luidson de Araújo). O cacique foi eleito prefeito do município de Pesqueiro no interior de Pernambuco com 17.654 votos. Como dizia a matéria da Revista Fórum a população dançou nas ruas em comemoração à vitória do cacique. Infelizmente, por decisão do Tribunal Superior Eleitoral em aguardar a decisão no STF sobre a lei da Ficha Limpa, o prefeito não foi diplomado e não tomou posse. A prefeitura foi assumida pelo presidente da Câmara dos vereadores, que nomeou o cacique como Secretário do Governo, responsável por coordenar todas as secretarias e órgãos de Pesqueira.



IMAGEM 8

A última postagem, de Varin Mema enuncia a conclusão do curso de Medicina de Denise Lima Borari, primeira médica da etnia Borari, formada pela Universidade do Estado do Pará. A cerimônia de outorga do diploma de medicina foi realizada em 15 de dezembro de 2020. A médica é moradora de Alter do Chão, no município de Santarém, no interior do Estado do Pará e durante a sua formação estudou alguns anos na Escola Borari.

Esperançamos que estas postagens sejam maiores e mais frequentes do que as outras que enunciam mortes, dor e sofrimento dos povos indígenas no Brasil. E nós, não indígenas, precisamos aprender com os parentes as táticas de resistências, afinal, como bem nos lembra Vanda Witoto, são 520 anos de luta contra este e tantos outros vírus (em sentido literal ou figurado) que invadem a vida dos povos indígenas.

REFERÊNCIAS

ALESSI, Gil. Salles vê “oportunidade” com coronavírus para “passar de boiada” desregulação da proteção ao meio ambiente. *El País*, Brasil, 22 de maio de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-22/salles-ve->

oportunidade-com-coronavirus-para-passar-de-boiada-desregulacao-da-
protecao-ao-meio-ambiente.html

ALVES, Nilda. *Redes educativas 'dentrofora' das escolas, exemplificadas pela formação de professores*. IN: XVI ENDIPE, Simpósio: Currículo e cotidiano escolar; *Anais do XVI ENDIPE*. Belo Horizonte, 20 a 23 de abril de 2010.

AMANTE, L. Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 27-46. ISBN 978-85-7879-283-1. Available from SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/c3h5q/pdf/porto-9788578792831-03.pdf>

BANIWA, Francineia Fontes. *Lembranças do passado e o medo do presente: nós indígenas diante da pandemia*. *Amazônia Real*, Brasil, 04 de maio de 2020. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/lembrancas-do-passado-e-o-medo-do-presente-nos-indigenas-diante-da-pandemia/>

CABALZAR, Aloisio. *Poani, um tributo ao Rio Negro*. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/es/noticia/206977> Acesso em 13/07/2020.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Dialogando com a própria história*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ROSA, João Guimarães. *As margens da alegria*. In: ROSA, João Guimarães. *Primeiras histórias*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 49-53

HOOVER, Johnny. *Flutua*. Gravadora independente; 2017.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PEIXOTO, Leonardo Ferreira. *Não porque ele quis, mas pela nossa luta": conversando, aprendendo e fazendo histórias com professores indígenas*. 94f. Tese, Doutorado em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SANTOS, Rafael. COTIDIANO ESCOLAR E PANDEMIA DA COVID-19 NA AMAZÔNIA. *Momento: diálogos em educação*; no prelo.